

**Gersica Luiza dos S. P. Andrade**  
lu-gersica@hotmail.com

Aluna do Curso de Psicologia da Faculdade Adventista da Bahia (FADBA).

**Cassia Sousa Vieira Ribeiro**  
cassiaribeiropsico@gmail.com

Aluna do Curso de Psicologia da Faculdade Adventista da Bahia (FADBA).

**Mylena Silva Magalhães**  
myllemagalhaes@hotmail.com

Aluna do Curso de Psicologia da Faculdade Adventista da Bahia (FADBA).

**Adalene Torres Barreto Sales**  
adalene.sales@adventista.edu.br

Mestre em Psicologia na área da Psicologia do Desenvolvimento Humano na Universidade Federal da Bahia. Especialista em Docência do Ensino Superior: aspectos teórico-metodológicos pela PUC Minas. Graduada em Psicologia pela Faculdade Paulista de Ciências e Letras. Professora do curso de Psicologia da Faculdade Adventista da Bahia.

Faculdade Adventista da Bahia  
BR 101, Km 197 – Caixa Postal 18  
– Capoeiruçu - CEP: 44300-000 -  
Cachoeira, BA

Mosaico - Capoeiruçu: Dezembro 2016  
Caderno Especial

## EMPODERAMENTO FEMININO ATRAVÉS DA VALORIZAÇÃO DO CABELO CRESPO/CACHEADO

### RESUMO

Cabelos crespos ou cacheados são denominados como “ruim”, “duro”, “feio”, “difícil de ser cuidado” e que precisa de alguma intervenção para “melhorá-lo”. Há fatores históricos envolvidos na desvalorização de qualquer característica fenotípica pertencentes à população negra, inclusive as que se relacionam ao cabelo. Este artigo trata-se de um relato de experiência sobre um projeto desenvolvido com um grupo de adolescentes, alunas de uma escola pública de Cachoeira-BA. Compreendendo a necessidade de ampliar as discussões a respeito do tema, foi possível perceber, a partir de observações feitas no contexto, a prevalência desse tipo de cabelo em mulheres da comunidade e a presença do estigma relacionado a esta característica. O objetivo do projeto foi empoderar adolescentes através da valorização do cabelo crespo/cacheado. Participaram do grupo, 12 adolescentes, do sexo feminino, com idades entre 13 e 17 anos. Foram realizados 12 encontros, no período de setembro a dezembro de 2016. Foram realizadas diversas ações de suporte as adolescentes proporcionando não só ações voltadas para os cuidados com os cabelos, mas, também, fomentou-se discussões sobre aspectos psicológicos, históricos e sociais envolvidos na desvalorização do cabelo natural das adolescentes. Como recursos didáticos se fez uso de: dinâmicas, rodas de conversa, relatos pessoais e oficinas de cuidados. A experiência oportunizou perceber a relevância das intervenções realizadas a partir das experiências compartilhadas pelas participantes,

### PALAVRAS-CHAVE:

Psicologia comunitária. Transição capilar.  
Empoderamento.

ANDRADE, G. L. dos S. P.; RIBEIRO, C. S. V.; MAGALHÃES, M. S.; SALES, A. T. B.. **Empoderamento feminino através da valorização do cabelo crespo/cacheado.** *Revista Formadores - Vivências e Estudos, Cachoeira - Bahia, v. 10, n. 6, p. 90 - 95, nov. 2017.*

no que se refere à mudança de atitude e posicionamento frente às questões trabalhadas no decorrer dos encontros. Além disso, foi possível perceber a importância de envolver as famílias das participantes nas discussões, devido à influência desse discurso na subjetividade e tomada de decisão em relação à aceitação ou não de seus cabelos.

## 1. INTRODUÇÃO

Cabelos como o crespo ou cacheado são denominados como “ruim”, “duro”, “feio”, “difícil de ser cuidado” e que precisa de alguma intervenção para “melhorá-lo”. Conforme Matos (2015) há fatores históricos envolvidos na desvalorização de qualquer característica fenotípica pertencentes à população negra, inclusive as que se relacionam ao cabelo. O preconceito contra o cabelo crespo/cacheado tem estreita ligação com as questões étnicas. Quanto mais crespo for o cabelo mais discriminação se sofrerá, sendo muitas pessoas forçadas a se adequar aos padrões eurocêntricos (GIAMPÁ, 2016).

Este artigo trata-se de um relato de experiência sobre um projeto desenvolvido com um grupo de adolescentes, alunas de uma escola pública de Cachoeira-BA.

Compreendendo a necessidade de ampliar as discussões a respeito do tema, foi possível perceber a partir de observações feitas no contexto a prevalência desse tipo de cabelo em mulheres da comunidade e os estereótipos que envolvem essas características.

Portanto, este relato se trata das experiências vivenciadas durante a realização do projeto Empodere-se. O Empodere-se teve como objetivo principal empoderar adolescentes através da valorização do cabelo crespo/cacheado. Além disso, buscou-se fomentar discussões sobre os aspectos históricos e psicossociais relacionados à desvalorização do cabelo crespo/cacheado, promover oficinas de conhecimento e cuidados dos cabelos e expor possíveis fatores que podem levar a mudança da estrutura capilar. Foram realizadas diversas ações de suporte as adolescentes proporcionando não só ações voltadas para os cuidados com os cabelos, mas também, trabalhou-se os aspectos psicossociais que se relacionam com esta temática.

Não foi objetivo deste projeto, impor a essas adolescentes que assumam os seus cabelos, mas conscientizá-las de que, a aversão que muitas vezes nutrem por eles, não é algo inato, mas construído socialmente. Logo, o princípio de valorização do cabelo crespo/cacheado não implica intolerância ou negação do direito de escolha dessas adolescentes, mas ressaltar que as mudanças sociais também repercutem em mudanças dos padrões estéticos (GOMES, 2007).

## 2. CABELO E DESVALORIZAÇÃO

Segundo Matos (2015), a ideia entre boa aparência e cabelo derivou em que crespo/cacheado é denominado como ruim, duro, feio, difícil de ser cuidado, e precisa de alguma intervenção para melhorá-lo, isto por conta de fatores históricos envolvidos na desvalorização de qualquer característica fenotípica pertencentes a população negra. Nesse caso, procedimentos que alteram a textura do fio, conferindo um aspecto menos volumoso e linear, são facilmente adotados.

Indubitavelmente, o cabelo é uma das partes do corpo mais visível em algumas sociedades ocidentais, a exemplo da brasileira. Sem dúvida, é um elemento que carrega uma forte carga identitária e preocupação estética. Assim, o cabelo se mostra como elemento/instrumento social, cultural e político capaz de alterar, influenciar e construir identidades. Ao longo da história, as características fenotípicas do negro foram sendo ridicularizadas e inferiorizadas. Enquanto o branco tinha cabelo e lábios, o negro tinha “pixaim” e “beicho”. Deste modo, “[...] a identidade do povo negro foi construída e fundamentada na discriminação de uma sociedade que o via [...] desumanizado, como mercadoria, como inferior, como feio (GOMES, 2014, p. 4)”.

Ao partir desta afirmação, Gomes (2014) questiona: como é possível esperar que o negro se aceite e valorize suas características físicas, se o próprio meio social que ele se relaciona, que tem grande importância na construção de sua identidade, o ensina a odiá-las e desprezá-las? O cabelo, assim como outras características do negro, é visto como algo ruim, que o desvaloriza enquanto indivíduo dentro de uma sociedade.

## 3. CABELO E EMPODERAMENTO

Dentre as características negras, de acordo com uma pesquisa realizada por Figueiredo (2002), o cabelo é a estrutura física que o grupo em questão mais gostaria que fosse modificada. Busca-se mudar aquilo que incomoda. O cabelo, então, é um aspecto importante para assinalar o pertencimento a determinado grupo ou o reconhecimento como integrante ou participante deste. Mudar essa estrutura física, nesse sentido, seria se afastar de sua identidade e negar a sua ancestralidade.

O empoderamento visa, assim, desenvolver o senso crítico do grupo em questão, fazendo-o perceber que o uso do cabelo crespo, enquanto estrutura natural, é mais do que um simples ato de escolha, é um processo de aceitação e resistência, já que a cor da pele e a textura dos fios que irão designar o lugar a ser ocupado em uma escala desigual e classificatória. É um ato político. Remete a construção de uma identidade negra, pois esta se esvaiu na busca pelo “embranquecimento” (FIGUEIREDO, 2002).

## 4. METODOLOGIA

O projeto foi realizado numa escola pública de Cachoeira-Ba e contemplou 12 adolescentes do sexo feminino, com idades entre 13 a 17 anos. Foram realizados 12 encontros, sendo estes efetuados entre os meses de setembro a dezembro de 2016.

Os recursos didáticos utilizados forma dinâmicas, rodas de conversa, compartilhamento de relatos pessoais, vídeos e oficinas de cuidados.

## 5. RESULTADOS E DISCUSSÕES

No primeiro encontro, buscando a motivação para a discussão, introduzimos a conversa com uma música de Sandra de Sá intitulada Cabelo. Após esse momento, perguntou-se as participantes acerca de suas impressões sobre música. Algumas opinaram falando de partes da música onde a letra pontua que o cabelo “não gosta de pente”. Muitas afirmaram ouvir frases como essas continuamente, pois o cabelo era “duro”, “ruim”, “difícil”, “cabelo que não entra água e muito menos pente”. Assim, o projeto partiu da necessidade de autoaceitação e reconhecimento da desvalorização, historicamente determinada, das características raciais.

A aceitação da sua condição étnico-racial é fundamental para o início do processo de transição capilar. A transição capilar é um processo onde algumas pessoas decidem parar de fazer determinados processos químicos que visam modificar o formato do fio do cabelo, tais como: relaxamentos, alisamentos e/ou escovas “inteligentes”. Esta expressão indica um processo de transição, de mudança e que, como a maioria das mudanças, sugere transformações, ajustamentos e a saída de um lugar-comum para outro completamente diferente. É importante notar, ainda, que este processo, geralmente, se inicia com a decisão de passar pelo o *Big Chop* (grande corte.), ou seja, um corte radical para eliminar completamente a parte alisada do cabelo e deixar apenas a parte que cresceu de forma “natural”.

As participantes que já estavam ou tinham passado pelo processo de transição capilar, incluindo o *Big Chop*, revelaram conflitos intrafamiliares, o desengavetamento do racismo introjetado pelos negros, a estigmatização fenotípica e, como efeito, a “descoberta” de uma identidade. Esta descoberta, em geral, torna-se motor para atos de resistência, segundo as participantes deste projeto.

A partir das falas, questionou-se a respeito os motivos possíveis que resultaram em adjetivos negativos dados aos cabelos crespos/cacheados ao longo do tempo. Notamos, nos primeiros encontros, relatos de racismo vivenciados por elas e seus familiares que sofriam, embora negados por não reconhecerem essas experiências como algo negativo. Foi perceptível o receio e a resistência de algumas participantes em

compartilhar suas experiências pessoais com o grupo, mas, no decorrer do projeto, os encontros foram marcados por desaafos configurando um contexto propício para troca de experiências e acolhimento.

Vale destacar que, embora algumas meninas já estivessem pela transição capilar, outras já tinham passado, o clima de apoio, incentivo, acolhimento, e também a conscientização, estimulou outras meninas a fazerem a transição capilar.

É importante comentar que o reconhecimento do lugar estigmatizado do negro fez emergir questões relacionadas às escolhas profissionais e à continuidade do estudo. Uma das participantes relatou que é questionada pela mãe sobre o desejo de cursar faculdade, uma vez que, para esta mãe, “estudo não é para preto pobre” (SIC). Esta participante, ainda, relatou que, ao fazer a prova do ENEM e enfrentar alguma dificuldade na resolução das questões, lembrava constantemente da fala dessa mãe. Contudo, afirmou que o trabalho de autoconhecimento, de conscientização e o sentimento de resistência despertado pelo projeto, ao estimular a transição capilar como um ato estético-político, foi a “contra-voz” que a fez prosseguir em detrimento das dificuldades encontradas.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo da realização do trabalho, percebeu-se a importância em continuar as discussões acerca dessa temática, entendendo a complexidade e abrangência dos conteúdos e discussões apresentadas. As dificuldades enfrentadas pelo grupo no dia a dia revelaram os impactos de quem assume ou deseja assumir seus cabelos naturais e, principalmente, sua identidade nesse contexto, já que não é visto como algo bom pelo grupo social ao qual faz parte. O trabalho com as famílias se faz necessário, por conta do poder desse discurso no que diz respeito as escolhas das participantes, no processo de aceitação dos seus cabelos.

É perceptível a mudança do discurso das participantes durante os encontros realizados. A princípio, percebeu-se não ser possível identificar o racismo em “brincadeiras” e expressões ouvidas rotineiramente das quais elas não demonstravam estranheza em relação ao que ouviam.

O projeto não se constituiu na imposição para que as participantes assumissem os seus cabelos crespos/cacheados, mas, conscientizá-las de que a aversão que muitas vezes nutrem por eles, não é algo inato, mas construído socialmente. Estimulou-se a reflexão sobre o belo, a criticidade aos modelos impostos, e através do conhecimento empoderá-las, possibilitando a disposição de recursos para lidar com as formas de preconceito que se configuram na vida cotidiana.

## REFERÊNCIAS

GIAMPÁ, Sabrinah. **O livro dos cachos**: aprenda a amar e cuidar do seu cabelo como ele é. São Paulo: Paralela, 2016.

GOMES, N. L. **Sem perder a raiz**: corpo e cabelo como símbolos de identidade negra. 2. ed. São Paulo: Autêntica, 2007

MATOS, Édila Maria dos Santos. **Cachear e encrespar: moda ou resistência?** Um estudo sobre a construção identitária do cabelo afrodescendente em blogs. 2015. ix, 85 f., il. Monografia (Bacharelado em Comunicação Social) - Universidade de Brasília, Brasília, 2015.